



PAIXÕES, AFETOS, EMOÇÕES E SENTIMENTOS

PASSIONS, AFFECTIONS, EMOTIONS AND FEELINGS

José Luiz Fiorin
USP – Universidade de São Paulo

Resumo: Este texto discute se emoções, afetos, paixões e sentimentos ocupam o mesmo lugar teórico ou têm lugares distintos. Depois de mostrar como a Semiótica começou a interessar-se pela problemática das paixões e como foi evoluindo a forma de abordar os estados de alma, este trabalho faz um excursão pela etimologia dessas palavras para detectar os sentidos que foram adquirindo. Mostra que elas são sinônimas, quando conservam o sentido geral originário, e não são sinônimas, quando ganham um sentido especializado. Depois de constatar que não há sinônimos perfeitos, busca-se na Semiótica Tensiva uma distinção entre esses vocábulos, para concluir que seu estudo diz respeito à mesma problemática, a dos valores descritivos, mas, sobretudo, modais e aspectuais, relacionados pelas valências tensivas.

Palavras-chave: paixões; afetos; modalidades; aspectualidade; tensividade.

Abstract: In this paper, I discuss whether emotions, affections, passions and feelings occupy the same theoretical place, or whether they occupy different ones. After showing how Semiotics develops interest in the problematic of passions, and how the approach to the states of soul evolved, I make an excursion through the etymology of the words 'affection?', 'passion?', 'emotion?' and 'feeling?' in order to detect the meanings that they progressively acquired. I show that they are synonyms [in relation to] their original meanings, but they are not synonyms when they gain specialized meanings. After stating that there are no perfect synonyms, I establish a distinction among those words in the framework of Tensive Semiotics, and state that their study is concerned with the same problematic of descriptive values, but especially with modal and aspectual values, which are correlated by their tensive valence.

Keywords: passions, affections, modality, aspectuality, tensivity.

Os afetos são mais reservados do que as paixões e sua expressão é mais sutil.
(E.M. Forster, 2006, p. 30)

Quando a Semiótica começa a desenvolver o nível narrativo do percurso gerativo do sentido, inicia pela criação de uma teoria da ação. Esse modelo apresenta uma limitação, pois seu âmbito de aplicação são as narrativas da chamada pequena literatura (BARROS, 1995, p. 85). Com efeito, um modelo que considera a narrativa como busca de valores, como ação do homem no mundo, só pode aplicar-se àqueles textos que apresentem um componente pragmático muito forte, aqueles em que há perda ou aquisição de valores tesaurizáveis.

Ao compreender a limitação dada pelo alcance das aplicações, a Semiótica interessar-se pela competência modal do sujeito que faz a transformação. As investigações incidem então menos sobre a ação e mais sobre a manipulação (BARROS, 1995, p. 85-8). Como para executar uma ação é preciso que o sujeito do fazer tenha competência para tal, principia-se a estudar as condições para a realização da ação. Verifica-se que o sujeito realizador necessita estar modalizado pelo querer, pelo dever, pelo saber e pelo poder. Essas modalidades incidem sobre o fazer.

A modalização é a modificação de um predicado por outro (GREIMAS, 1983, p. 71). Cada um dos predicados presentes numa relação modal é suscetível de ser negado, o que cria quatro posições para cada modalidade. Tomemos, por exemplo, o dever: dever fazer, dever não fazer, não dever fazer, não dever não fazer. No caso das modalidades do fazer, um predicado, o modalizador, rege outro predicado, um fazer, o modalizado. Ao reger um predicado do fazer, essa modalização dá ao sujeito realizador uma competência modal. Ela define então o sujeito do fazer. Com isso, a Semiótica pode estabelecer perfis bastante precisos dos sujeitos da ação. Haveria, por exemplo, os sujeitos rebeldes, que querem fazer, mas devem não fazer; os sujeitos veleidosos, que querem fazer, mas não podem e assim por diante. Como a modalidade do fazer caracteriza o sujeito da ação, a Semiótica passa a analisar também o modo de existência desses sujeitos: virtuais, os que querem ou devem fazer, atualizados, os que sabem e podem fazer; realizados, os que fazem. Uma gama muito grande de textos passa agora a ser explicada pela teoria: aqueles em que há personagens sonhadoras, mas incapazes de passar à ação; aqueles em que há personagens realizadoras, etc.

Nessa fase, o estudo das modalizações está ainda muito ligado à ação, pois o que se investiga são as condições necessárias para sua realização. No entanto, isso representou um salto muito grande, pois, se se pensar não apenas no sujeito que tem sua competência modal alterada, mas naquele que realiza essa alteração, passa-se do estudo da ação ao da manipulação, ou seja, do fazer ao do fazer fazer. Agora, não se procura mais apenas explicar as relações entre sujeito e objeto, mas entre sujeitos, o que leva a uma concepção de narrativa como uma sucessão de estabelecimentos e rupturas de contratos (BARROS, 1995, p. 86). Aqui começa todo um exame dos procedimentos de manipulação. Estudam-se a provocação, o desafio, a tentação, a sedução, a intimidação, etc. Por outro lado, começa-se a aprofundar a investigação dos mecanismos da sanção, seja ela cognitiva ou pragmática. Os percursos da manipulação e da sanção constituem a dimensão cognitiva da narrativa e enquadram sua dimensão pragmática.

Com o estudo da dimensão cognitiva, a Semiótica mostra que a organização da intersubjetividade é articulada por meio de estruturas polêmicas e contratuais. Por exemplo, enquanto a teoria marxista vê a História como uma estrutura polêmica (lembremo-nos de que o *Manifesto comunista* se inicia afirmando que a história da humanidade é a história da luta de classes), a concepção liberal enfatiza os aspectos contratuais da constituição do Estado. Além

do exame dessas estruturas, o estudo da manipulação abre caminho para o exame de sujeitos manipulados por sistemas de valores diferentes. Por exemplo, na tragédia clássica, o herói trágico sofre uma manipulação por valores contraditórios. Fedra está entre dois sistemas de valores opostos: o dos ditames de Vênus, que a faz desejar apaixonadamente seu enteado Hipólito, e o das normas sociais, que proíbe esse relacionamento.

A sanção cognitiva é a certificação de que a transformação programada se deu. Ora, a transformação é uma mudança de estado, o que significa uma alteração da junção. Surge então um segundo tipo de modalização, as modalidades veridictórias, que incidem sobre a junção. Mostra-se que um enunciado *é* ou *parece ser*. No entanto, essa modalização não diz respeito a nenhuma relação referencial, mas uma verdade criada pelo texto. *Ser* é o estatuto veridictório exposto pela própria narrativa ou, em outros termos, pelo narrador; *parecer* é o estatuto veridictório atribuído a um estado por uma personagem. Shawn Spencer é uma personagem na série *Psych*, que finge ser vidente para se tornar um consultor da polícia e, graças ao seu apurado senso de observação, soluciona os mais complicados crimes. O telespectador e o companheiro que trabalha com ele sabem que ele não é vidente, mas não os oficiais de polícia. Temos, então, uma mentira: ele não é vidente, mas parece sê-lo. Jogando com os predicados do *ser* e do *parecer*, estabelecem-se quatro possibilidades de estatuto veridictório da junção: a verdade (*ser* + *parecer*), a falsidade (*não ser* + *não parecer*), a mentira (*parecer* + *não ser*), o segredo (*ser* + *não parecer*) (GREIMAS & COURTÉS, 1979, p. 419). Os enunciados modalizados veridictoriamente podem ser sobredeterminados pelas modalidades epistêmicas do *crer*: um sujeito crê que um estado parece verdadeiro ou é verdadeiro, etc. A modalização epistêmica resulta de uma interpretação, em que um sujeito atribui um estatuto veridictório a um dado enunciado. Nela, o sujeito compara o que lhe foi apresentado pelo manipulador com aquilo que sabe ou aquilo em que crê. O estatuto veridictório de um enunciado é dado por um julgamento epistêmico, em que o *crer* precede o *saber*, o que implica reconhecer o caráter ideológico da operação de interpretação. Para a Semiótica, o *crer* e o *saber* pertencem ao mesmo universo cognitivo e a distinção entre a adesão fiduciária, regida pelo *crer*, e a adesão lógica, comandada pelo *saber*, é o estabelecimento de uma separação entre dois tipos de racionalidade, que, na interpretação da verdade ou falsidade das certezas, da dúvida da verdade, etc., confundem-se, misturam-se, entrecruzam-se (GREIMAS, 1983, p. 115-33). Observem-se, por exemplo, situações como a relação de Brás Cubas com Marcela em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis (1979, p. 534-539, 556-558),

Mesmo tratando da dimensão cognitiva da narrativa, havia uma limitação em relação à aplicabilidade da teoria narrativa. Ela analisava textos em que havia fundamentalmente uma ação, em que se trocavam objetos. Em outros termos, ela servia para examinar os “estados de coisas”. Até este ponto de seu desenvolvimento, a teoria trabalha com textos em que há transferência de objetos tesarizáveis ou com aqueles em que há estruturas diversas de manipulação e de sanção. No entanto, há muitos textos que não tratam desses aspectos, mas de transformações do próprio ser do sujeito. Há muitos produtos discursivos que investigam as qualificações do sujeito, seus “estados de alma” (GREIMAS & FONTANILLE, 1993). Em *Esau e Jacó*, de Machado de Assis, e em *Dois irmãos*, de Milton Hatoun, analisa-se, com sutileza e profundidade, a inveja de um irmão por outro e as paixões malevolentes que esse estado de alma desperta. Neste último livro, Yaqub e Omar são irmãos gêmeos idênticos no físico, mas opostos no caráter. Aquele é retraído, inteligente, trabalhador; este é arrojado, corajoso, sedutor, voltado para o gozo da vida. A relação entre ambos é movida pela rivalidade, calcada em sentimentos de inveja e ódio. Em *Infância*, de Graciliano Ramos, desvela-se o mecanismo da cólera. Em *Angústia*, do mesmo autor, a personagem Luís

da Silva, funcionário da Diretoria do Tesouro, em Maceió, permite conhecer o funcionamento da autodepreciação, da insatisfação com a vida, da decepção com a traição da noiva, da amargura e da angústia. Em *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, e em *Álbum de família*, de Nelson Rodrigues, analisam-se os ódios e frustrações que perpassam as relações familiares. André, personagem do livro de Raduan, nutre um amor incestuoso por sua irmã Ana. Seu irmão caçula idolatra-o e, com mão muito leve, o autor desvenda a relação incestuosa entre eles. Nassar faz uma autópsia do desespero, do sentimento de culpa, etc. A ligação de Riobaldo e Diadorim, em *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, mostra a involuntariedade do amor. No conto *Feliz aniversário*, de Clarice Lispector (1998, p. 54-59), a atitude da personagem Anita possibilita compreender a cólera diante da hipocrisia social. Poder-se-ia continuar a citar textos em que se trata de estados de alma. Como operar com as "paixões de papel", os estados de alma narrados?

Para tratar dessa questão, a Semiótica começa por examinar as modalizações do ser (GREIMAS, 1983, p. 93-102). Como se disse acima, o estudo das modalidades do fazer levou à investigação das condições necessárias para a realização da ação. No entanto, é preciso verificar que o sujeito de estado também pode ser modalizado: querer ser, dever ser, saber ser, poder ser. Ele, por exemplo, quer entrar em conjunção com um dado objeto. Nesse caso, o objeto é desejável para ele, enquanto ele é um sujeito desejoso. Por isso, poder-se-ia afirmar, com mais propriedade, que a modalização do estado incide sobre o objeto, ou mais particularmente, sobre o valor nele investido e que isso repercute na existência modal do sujeito. É o objeto desejável que faz o sujeito desejoso; é o objeto necessário que faz o sujeito necessitado; é o objeto ignorado que faz o sujeito ignorante e assim por diante.

A categoria *euforia/disforia* do nível fundamental converte-se em modalidades, que modificam as relações entre sujeito e objeto. Assim, um valor marcado euforicamente no nível fundamental converte-se, por exemplo, em objeto desejável no nível narrativo, enquanto um valor disfórico torna-se, por exemplo, um objeto temido. Assim, o primeiro elemento para determinar uma paixão é o valor investido na categoria fundamental, pois os termos eufóricos serão convertidos em querer ser ou não querer não ser, enquanto os termos disfóricos serão transformados em não querer ser ou querer não ser. Em outras palavras, as modalidades da dêixis positiva indicam que o objeto é desejável (no *querer ser*, deseja-se a conjunção; no *não querer não ser*, não se quer a disjunção); as modalidades da dêixis negativa apontam que o objeto é indesejável (no *não querer ser*, não se quer a conjunção; no *querer não ser*, almeja-se a disjunção). O desejo define-se por um querer ser; o desprendimento, por um querer não ser; a aversão, por um não querer ser e a sovinice, por um não querer não ser (Cf. BARROS, 1989-1990, p. 61). Isso é concorde com o que dizem muitos filósofos para quem as paixões são de dois tipos: as concupiscíveis e as irascíveis. Elas são movimentos da alma que ocorrem para a busca do bem ou para a fuga do mal (AQUINO, 2002, I, q. 22, 3, 1; 23, 4¹). Diz Vieira:

As paixões do coração humano, como as divide e numera Aristóteles, são onze; mas todas elas se reduzem a duas capitais: amor e ódio. E estes dois afectos cegos são os dois pólos em que se revolve o mundo, por isso tão mal governado. Eles são os que pesam os merecimentos, eles são os que qualificam as ações; eles os que avaliam as prendas; eles os que repartem as fortunas. Eles são os que enfeitam ou descompõem, eles os que fazem ou aniquilam; eles os que pintam ou despintam os objetos, dando e tirando a

¹ Omnis enim passio animae vel est in irascibili vel in concupiscibili (Com efeito, toda paixão da alma está no irascível ou no concupiscível) (I, 23, 3, 1); In motibus autem appetitivae partis, bonum habet quasi virtutem attractivam, malum autem virtutem repulsivam (Nos movimentos da parte apetitiva (paixões) o bem tem certo poder atrativo e o mal, repulsivo) (I, 23, 4).

seu arbítrio a cor, a figura, a medida, e ainda o mesmo ser ou substância, sem outra distinção ou juízo, que aborrecer ou amar. Se os olhos vêem com amor, o corvo é branco; se com ódio, o cisne é negro; se com amor, o Demônio é formoso; se com ódio, o anjo é feio; se com amor, o pigmeu é gigante; se com ódio, o gigante é pigmeu; se com amor, o que não é, tem ser; se com ódio, o que tem ser, e é bem que seja, não é, nem será jamais (1959, p. 108-109).

Todo esse estudo das modalizações do ser, como acontece também com a investigação das do fazer, passa ainda pelo exame das compatibilidades e incompatibilidades entre as modalidades. Por exemplo, o dever ser é concordante com o poder ser, ao passo que é discordante do não poder ser. Com efeito, o que é necessário deve ser compatível com o que é possível, mas não com o impossível. No entanto, cabe lembrar que as concordâncias e as discordâncias nada têm a ver com o aparecimento de certas combinatórias modais nos textos. Os sujeitos de estado podem ser modalizados por modalidades compatíveis ou incompatíveis entre si. Um sujeito pode querer o que pode ser, mas pode querer o que não pode ser. A percepção dessas harmonias e desarmonias abre caminho para o estudo das paixões.

A paixão é entendida, inicialmente, pela Semiótica, como efeitos de sentido de qualificações modais que alteram o sujeito de estado, o que significa que é vista como uma modalidade do ser ou um arranjo delas, sejam elas compatíveis ou incompatíveis (GREIMAS, 1983, p. 225-46). Por exemplo, a infelicidade define-se como um querer ser aliado a um saber não poder ser, enquanto o alívio reúne um querer ser a um saber não poder não ser (BARROS, 1989-1990, p. 63). O infeliz é aquele que continua a querer, apesar de saber da impossibilidade evidente da conjunção, enquanto o aliviado deseja apenas aquilo que sabe que é inevitável.

As paixões podem ser simples ou complexas. Aquelas são resultantes de uma única modalização do sujeito. A cobiça, por exemplo, define-se por um querer ser. Esse estado passional não exige nenhum percurso modal anterior. Já as complexas são as que resultam do encadeamento de vários percursos, como a raiva ou a resignação.

A história modal do sujeito de estado (transformações modais que vai sofrendo) permite estudar outros tipos de textos narrativos, aqueles fundados sobre um processo de construção ou de transformação do ser do sujeito e não apenas do seu fazer. Os arranjos modais (intersecções e combinações de modalidades diferentes) de que derivam efeitos de sentido passionais são provisórios e, ao mesmo tempo, são determinados pela cultura. Por exemplo, em nossa época, há uma biologização dos estados de alma e, por isso, a paixão da melancolia desaparece, transformando-se em uma patologia física, a depressão.

A noção de paixão como arranjo de modalidades permite estabelecer uma diferença entre o atualizado (apreensão de um predicado do ponto de vista das condições de realização) e o realizado. A distinção entre *querer fazer* e *fazer* reside no fato de que, no primeiro, uma série de roteiros é possível, enquanto no segundo, não. A diferença entre o atualizado e o realizado permite, pois, estabelecer potencializações, o que possibilita analisar fatos que parece contrariarem a lógica narrativa (cf. FONTANILLE, 1995, p. 175-90). São exemplos disso a obstinação, que é o desejo do que parece impossível, ou a vergonha do medo, que leva a comportamentos temerários, como ocorre com o Príncipe Andrei, em *Guerra e paz*, de Tolstoi.

Pouco a pouco se nota que, além de ser uma expressão de um arranjo modal, as paixões definem-se pelo tipo de objeto da conjunção ou disjunção (por exemplo, a curiosidade tem um objeto cognitivo, enquanto a avareza tem um objeto tesarizável) ou pela presença e ausência de objeto (por exemplo, a melancolia é uma paixão que não tem causa, enquanto a tristeza tem um objeto bem determinado). As paixões também se distinguem por uma

temporalidade (o arrependimento, o remorso e o lamento estão voltados para o passado, enquanto a esperança, a preocupação e o temor estão dirigidos para o futuro e o desdém, a veneração, a estima e o desprezo apontam para o presente), uma aspectualização (a ira é pontual, o ódio é durativo) e uma modulação tensiva (a diferença entre a alegria e a exultação é de intensidade; também o são as distinções entre temor e desespero, medo e pavor; algumas paixões, como o ressentimento, são extensas, enquanto outras, como o horror, são intensas).

Greimas termina seu texto inaugural da semiótica das paixões, apontando uma distinção entre o “discurso da paixão” e o “discurso apaixonado” (GREIMAS, 1983, p. 246). Pode-se repensar essa diferença, dizendo que a Semiótica estuda as paixões manifestadas tanto na enunciação quanto no enunciado.

Na enunciação, temos o discurso apaixonado, quando das marcas deixadas pelo processo do dizer no dito depreende-se um tom passional. Na campanha presidencial de 2006, Geraldo Alkmin vai transformando-se em um enunciador apaixonado. Ele era visto como despido de qualquer paixão (“o picolé de chuchu”) e vai assumido um tom fortemente passional. O contrário ocorre na passagem da terceira geração romântica para o parnasianismo. Depois da ira condoreira dos poetas abolicionistas, como Castro Alves, os parnasianos despassionalizam a poesia.

No enunciado, ocorre o discurso da paixão, quando ela é representada ou referida. A paixão representada é aquela figurativizada pelos modos de ser e de fazer dos “seres humanos”² nos discursos que simulam o mundo (na literatura ou na reportagem, por exemplo) ou pelas maneiras de ser e de fazer dos indivíduos numa dada situação, tomada *sub specie significationis*, ou seja, como texto. Estuda-se o ressentimento em Juliana do romance *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, ou em Miranda de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo. A personagem Fidélia de *Memorial de Aires* continua a sentir amor pelo marido em Tristão ou deixou de amá-lo – pergunta-se o Conselheiro Aires?

8 de abril

— Sabe o que D. Fidélia me escreveu agora? perguntou-me Aguiar. Que o Banco tome a si vender Santa-Pia.

— Creio que já ouvi falar nisso...

— Sim, há tempos, mas era idéia que podia passar; vejo agora que não passou.

— Os libertos têm continuado no trabalho?

— Têm, mas dizem que é por ela.

Não me lembra se fiz alguma reflexão acerca da liberdade e da escravidão, mas é possível, não me interessando em nada que Santa-Pia seja ou não vendida. O que me interessa particularmente é a fazendeira — esta fazendeira da cidade, que vai casar na cidade. Já se fala no casamento com alguma insistência, bastante admiração, e provavelmente inveja. Não falta quem pergunte pelo Noronha. Onde está o Noronha? Mas que fim levou o Noronha?

Não são muitos que perguntam, mas as mulheres são mais numerosas — ou porque as afligiam as lágrimas de Fidélia — ou porque achem Tristão interessante —, ou porque não neguem beleza à viúva. Também pode ser que as três razões concorram juntas para tanta curiosidade; mas, enfim, a pergunta faz-se, e a resposta é um gesto parecido com esta ou outra resposta equivalente: — Ah! minha amiga (ou meu amigo), se eu fosse a indagar onde param os mortos, andaria o infinito e acabaria na eternidade.

É engenhoso, mas não é bom, principalmente não é certo. Os mortos param no cemitério, e lá vai ter a afeição dos vivos, com as suas flores e recordações. Tal

² Na figurativização, têm um papel importante as manifestações sensíveis das paixões: por exemplo, o rubor, o frêmito, a agitação, a palidez, etc.

sucedera à própria Fidélia, quando para lá for; tal sucede ao Noronha, que lá está. A questão é que virtualmente não se quebre este laço, e que a lei da vida não destrua o que foi da vida e da morte. Creio nas afeições de Fidélia; chego a crer que as duas formam uma só, continuada.

Quando eu era do corpo diplomático efetivo não acreditava em tanta coisa junta, era inquieto e desconfiado; mas, se me aposentei foi justamente para crer na sinceridade dos outros. Que os efetivos desconfiem! (MACHADO DE ASSIS, 1979, p. 1190-91).

Muitas vezes, o texto tem o propósito mesmo de analisar uma paixão. É o que ocorre, por exemplo, no *Soneto da felicidade*, de Vinicius de Moraes.

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure (1974, p. 186).

Tomemos para efeito de análise apenas os dois últimos versos. O poeta repudia uma concepção muito freqüente a respeito do amor: exige-se, de um lado, que ele seja eterno, o que significa que ele apresente uma cotidianidade e, portanto, faça parte da rotina da vida; de outro, que ele tenha sempre o frescor da surpresa, da instantaneidade. Entre outras palavras, o que se exige é que o amor apresente uma relação conversa entre os eixos da intensidade e da extensidade (FONTANILLE & ZILBERBERG, 2001, p. 26-27), ou seja, uma extensidade temporal máxima e uma intensidade elevada ao mais alto grau. O que o poeta nos mostra é a impossibilidade dessa relação conversa na lógica implicativa, já que o amor por definição não pode amoldar-se à rotina e, por conseguinte, não pode ter uma duratividade para sempre (“que não seja imortal, posto que é chama”). No entanto, isso pode existir na lógica concessiva, pois se pode ter o sentimento de sua infinitude, enquanto ele durar (“Mas que seja infinito, enquanto dure”).³ Para o poeta, o tempo provoca a usura do amor e ele deixa de ser. Há, pois, uma incompatibilidade entre amor e duração.

A paixão é referida, quando se menciona que alguém é dotado de um dado estado de alma, mas ele não é figurativizado. É o que ocorre no texto acima do *Memorial de Aires*, em que se faz referência à admiração e à inveja. Nesse caso, examina-se a paixão a partir da definição do lexema. Nota Greimas que “os lexemas se apresentam muitas vezes

³ A lógica implicativa é a de fazer o que se pode (fez, porque é possível); a concessiva é a da impossibilidade (fez, apesar de não ser possível). A implicação fala das regularidades, a concessão rompe as expectativas e dá acesso à descontinuidade do que é marcante na vida (ZILBERBERG, 2002, p. 138-139).

como condensações que recobrem, por pouco que se as explicitem, estruturas narrativas e discursivas bastante complexas” (1983, p. 225). Observa ainda o semiótico que as definições do dicionário se referem a uma dada cultura (1983, p. 225). O léxico, sendo o receptáculo das experiências de uma dada comunidade, é o único acesso legítimo e mesmo possível, além das descrições e narrações dos modos de ser, para a compreensão das paixões. Os sentimentos misturam-se, confundem-se, mesclam-se, embaralham-se, emaranham-se e, por isso, nos enganam. Apesar de o léxico filtrar as paixões e defini-las, a grande polissemia nesse campo demonstra a dificuldade desse exame.

A nossa questão é agora a seguinte: paixão em semiótica significa a mesma coisa que afeto ou sentimento ou será preciso prever um lugar teórico diverso do da paixão para os afetos e os sentimentos? Como dissemos acima, só podemos dar uma resposta a essa questão analisando esses lexemas. Começaremos por um percurso diacrônico com base nos dicionários etimológicos de Chantraine (1984) e de Ernout e Meillet (1959).

Em grego, o termo πάθος vem do verbo πάσχω, que significa “receber uma impressão, sofrer um tratamento bom ou mau, suportar com paciência, ser castigado”. Os substantivos criados com o mesmo radical especializam-se: πένθος quer dizer “dor (no sentido moral)” e daí “luto”; πάθος, cunhado a partir do aoristo παθεῖν, designa “o que acontece a alguém ou a alguma coisa, experiência sofrida, infelicidade, emoção da alma, acidente (no sentido filosófico do termo)”. Há um doublet para o este último termo, πάθη, que indica “o que acontece a alguém, estado passivo, infelicidade”. O sentido básico de πάθος é “o que se sofre, o que se sente”. Os termos formados de πάθος indicam esses dois sentidos. Para o primeiro, temos παθεικός, “o que sofre”; παθικός, “o que sofre, o homossexual passivo” (observe-se que o sentido tem um valor físico⁴); πάθημα “o que acontece a alguém, sofrimento, infelicidade, doença” (novamente, enfatiza-se o valor físico); παθητός, “sujeito a sofrer”; παθητικός, “passivo”, mas também “capaz de emoção, patético”; “passivo”, em gramática. O verbo παθαίνομαι quer dizer “ser submetido à paixão, ser patético”. A paixão é alguma coisa que se sofre, é algo que atinge a pessoa, que é passiva. O termo πάθος está ligado a doença. Não é sem razão que a paixão foi chamada por filósofos latinos de morbus animi. No grego moderno, πάθος significa “doença”, πάσχω, “sofrer”, πάθημα, “sofrimento” e πένθος, “luto”. Como se vê, ainda vige a antiga especialização dos radicais: πένθ, para exprimir luto, e πάθ, para indicar estado passivo.

Por outro lado, outras palavras derivadas de πάθος indicam a idéia de sentimento, que contém também a noção de passividade: αντιπαθής, “que tem sentimentos contrários a”; συμπαθής, “que é afetado pelos mesmos sentimentos, que está de acordo, ser concorde”.

Em latim, temos o verbo *patior*, *-eris*, *passus sum*, *pati*, que significa “sofrer, ser paciente ou passivo, suportar”. Basicamente, o verbo tem o mesmo sentido do grego πάσχω, do qual emprestou os empregos técnicos: por exemplo, em gramática *modus passivus* ou *patiendi*; em medicina, *passio*, “doença”; donde *paciente*. Dá origem *passibilis*, “suportável, sensível, capaz de sofrer”; *impassibilis*, “insensível, impassível”, *impassibilitas*, “impassibilidade”, *passivus*, “homossexual passivo” (tradução do grego παθικός). O termo *passio*, no sentido que nos interessa, é do latim tardio, é um vocábulo do latim eclesiástico para traduzir o grego πάθος. Tinha inicialmente o sentido de “paixão (=sofrimento) de Cristo”. Mais tarde, significa também “paixão (= movimento da alma)”, que corresponde ao

⁴ Note-se que o verbo πασχητιάω, derivado do presente πάσχω, significa “gozar” (no sentido sexual) e constrói-se com um sujeito que indica mulher ou homossexual passivo.

latim clássico *affectus*⁵. Essa é uma informação extremamente relevante para os nossos propósitos. De *passio* derivam *passionalis*, *passionalitas*, *compassio*, *compassibilis*, *compator* (lat. ecles.).

Pati opõe-se a *facere*. Na época clássica, os compostos de *faciō* tinham um correspondente passivo em *-ficior*: *adficior*, *conficior*. *Facere* é formado de uma raiz que significava “pôr, colocar”: *sacrum facere*, “colocar (sobre o altar) um sacrifício, fazer um sacrifício”; *facere aduersus aliquem*, “colocar-se contra alguém”. Forma-se dessa raiz também um verbo freqüentativo, *affecto*. De *adficio* ou *afficio*, que significa “pôr numa certa disposição (física ou moral), afetar, tocar”, temos tanto *affectus* como *affectio*. No início, ambos tinham o mesmo sentido. Por exemplo, diz Cícero: “*affectio est animi aut corporis extempore de causa commutatio*”⁶ (1994, I, 25, 36). No entanto, pouco a pouco as duas palavras foram especializando-se: *affectus* tem o sentido de πάθος, enquanto *affectio*, o de στοργή.

O vocábulo στοργή significa 1) a ternura, particularmente a ternura paterna ou filial; 2) o amor, no sentido dos sentimentos recíprocos entre os pais e os filhos ou dos sentimentos derivados dos liames familiares ou sociais; não se refere jamais ao amor físico. É o apego, a inclinação para, a afeição, a simpatia. É diferente de έρως, “desejo amoroso, amor físico”; φιλία, “amizade fundada nos laços de hospitalidade, sangue ou camaradagem”⁷; αγάπη é mais expressivo do que φιλία e, no vocabulário cristão, quer dizer “amor de Deus ou a Deus, caridade” (por isso, *ágape* designa “refeição”).

Finalmente, passemos a *sentimento*. O latim possuía o verbo *sentio*, *is*, *sensi*, *sensum*, *sentire*, que significa “sentir, experimentar uma sensação ou um sentimento”. *Sentire* referia-se ao que se provava nos sentidos e no espírito. Depois, passa a ter o sentido de “ser de um sentimento ou de uma opinião” e, na linguagem jurídica, “exprimir um sentimento, uma opinião, votar, decidir”. Daí provém *sententia*, “maneira de sentir e também de pensar” e, por isso, “decisão, sentença”. Corresponde ao grego αισθάνομαι, “perceber pelos sentidos, perceber pela inteligência”, αίσθησις, “sensação, percepção, órgão do sentido”. A partir de *sentio*, temos *sensus*, *us*, que significa “órgão do sentido, sensação, sensibilidade, sentimento, maneira de sentir, pensamento, significado de uma palavra”. Derivam também *sensilis*, *insensilis*, *sensibilis*, *insensibilis*, *sensibilitas*, *insensibilitas*, *sensualis*, *sensualitas*, *sensatus*, *insensatus*, *insensatio*, *consentio*, *dissentio*. Dois verbos também se formam a partir de *sentire*: *adsentior*, “partilhar a opinião, aprovar” e o incoativo *sentisco*, “começar a sentir”.

Como todos sabemos, para determinar o valor de um termo, é preciso ver a que ele se opõe. O vocábulo πάθος contrapõe-se, de um lado, a λόγος. Assim, *passional* distingue-se do que é *racional*, *lógico*. Era preciso reprimir as paixões em nome da razão. A paixão continha os traços da loucura, da morte, da obscuridade, do caos, da desarmonia, da variabilidade, da particularidade, da irregularidade, da indistinção. A lógica era da ordem da razão, da vida, da claridade, do cosmos, da harmonia, da universalidade, da regularidade, da distintividade. Enquanto a primeira vicejava no subterrâneo, a racionalidade existia no domínio celeste (PARRET, 1986, p. 9-15). Por outro lado, também se diferencia de πόημα e πόησις, ambos derivados do verbo ποιέω: paixão opõe-se à ação, perturba-a, atrapalha-a. Ela tem um componente passivo, como a cultura grega considerava que tinham a mulher, o

⁵ *Affectus est morbus animi, graece τό πάθος*, como diz um escoliasta.

⁶ A afecção é uma mudança operada por uma causa qualquer na alma ou no corpo.

⁷ Benveniste mostra que o valor primeiro desse termo está ligado à hospitalidade. O hóspede é φίλος e ele goza do tratamento específico designado por φιλειν (1969, p. 335-53).

homossexual passivo, a infelicidade e a doença. Ela será sempre um estado da alma e nunca uma ação. É algo que se sofre (PARRET, 1986, p. 9-15). Por isso, a paixão deveria ser combatida ou sublimada. Observe-se o que diz Vieira sobre a paixão:

A paixão é a que erra, a paixão a que os engana, a paixão a que lhes perturba e troca as espécies, para que vejam umas cousas por outras. E esta é a verdadeira razão ou sem razão de uma tão notável cegueira. Os olhos vêem pelo coração, e assim como quem vê por vidros de diversas cores, todas as cousas lhe parecem daquela cor, assim as vistas se tingem dos mesmos humores, de que estão, bem ou mal, afectos os corações (1959, p. 107).

Passemos para os sentidos atuais⁸. O termo *paixão* conserva o sentido de “sofrimento”, quando se refere aos suplícios de Cristo e a sua comemoração litúrgica: “a Paixão de Cristo, a semana da Paixão, a Paixão segundo São Mateus”. Por outro lado, significa “qualquer estado ou fenômeno afetivo”. *Paixão* vai, pouco a pouco, ganhando um traço de intensidade, que estava implícito no sentido antigo, quando se considerava a paixão uma “doença da alma”, que prejudicava o julgamento sereno: 1) “estados afetivos e intelectuais bastante possantes para dominar a vida do espírito, pela intensidade de seus efeitos ou pela permanência de sua ação”; 2) “viva inclinação para um objeto que se deseja com todas as forças”; 3) “afetividade violenta que prejudica o julgamento”. Além disso, *paixão* adquire um sentido especializado, que não existia em grego e em latim: “o amor, quando aparece como uma inclinação possante e durável, degenerando, às vezes, em obsessão”. Apesar de a paixão ter sido reabilitada a partir do século XVII, ainda a idéia que a ligava, em certos sentidos, a mulheres e homossexuais passivos, está presente na figurativização da passionalidade. Em Alencar, as mulheres são passionais e os homens, racionais (observem-se, por exemplo, Dona Lauriana e Dom Antônio de Mariz); em *O bom crioulo*, de Adolfo Caminha, Amaro é um homossexual, que se deixa tomar pela paixão que o leva ao crime. No quadro *Arrufos*, de Belmiro de Almeida, datado de 1887, analisado por Lúcia Teixeira, a mulher está descomposta, enquanto o homem está sentado impassível (1996, p. 95-108).

Afeto conserva ainda o sentido primeiro do latim: 1) “reação de agrado ou desagrado a alguém ou alguma coisa”; 2) “estado afetivo elementar; sentimento ou emoção em diferentes graus de complexidade, por exemplo, amizade, amor, ira, etc.” No entanto, em português, o termo *afeto* assumiu também o significado especializado do latim *affectio*: 1) “sentimento terno de adesão gerado por uma pessoa ou animal”; “afinidade, ligação espiritual terna em relação a alguém ou algo”.

Afeição conserva apenas o sentido original: “ligação afetiva, sentimento amoroso em relação a”. Usa-se em português também a palavra *afecção*, que provém também de *affectionem*, mas por via erudita, e que se especializou na designação de “doença, qualquer alteração patológica do corpo”.

O sentido do termo *sensus* do latim vai repartir-se, em português, numa série de palavras especializadas. O vocábulo *sentimento* é uma criação do século XIV e significa “estado afetivo, bastante estável e durável, ligado a representações, emoção, paixão”. *Sensação* quer dizer: 1) “processo pelo qual um estímulo interno ou externo provoca uma reação específica, produzindo uma percepção” (por exemplo, “uma sensação tátil”); 2) “conhecimento imediato e intuitivo” (por exemplo, “ele tinha a sensação de que alguma coisa ruim estava para acontecer”); 3) “vivência significativa que mobiliza afetos e emoções”

⁸ Para o estudo dos sentidos atuais, foram utilizados o Petit Robert e o Houaiss.

(“tinha uma sensação confusa de atração e de repulsa por aquele lugar”); 4) “surpresa ou grande impressão causada por um acontecimento invulgar” (“ela foi a sensação da festa”). A diferença entre *sensação* e *sentimento* reside, primeiro, na aspectualização: aquela é pontual, enquanto este é durativo. Com efeito, a sensação é sempre imediata, repentina. Em seguida, distinguem-se, porque o sentimento é alguma coisa da “alma”, enquanto a sensação tem um caráter fisiológico. *Sentido* é tanto “a faculdade de perceber uma modalidade específica de sensações, que correspondem, *grosso modo*, a um órgão determinado”, quanto “o significado de um elemento lingüístico”. *Sentido* tem tanto um valor fisiológico-sensível, quanto um valor inteligível. *Senso* quer dizer: 1) “prudência, sensatez, circunspeção”; 2) “faculdade de julgar, de sentir, de apreciar; juízo, entendimento, sentido” (por exemplo, “senso de humor”).

O que nos interessa é então o fato de que *paixão*, *sentimento* e *afeto* podem ser ou não ser sinônimos. Começamos pelo caso em que não são sinônimos: *afeto*, *afeição*, *amor*, *amizade* e *paixão* são estados de alma que se diferenciam pela intensidade. Como nota Barros, essas paixões são os estados de alma da benevolência e, portanto, relacionam um querer ser (estar em conjunção com o objeto) a um querer fazer o bem (a outrem) (Cf. 1989-1990, p. 67-68). Algumas delas distinguem-se também pelo objeto: enquanto o amor supõe, ao menos no Ocidente, exclusividade, a amizade permite a pluralidade. O amor é concentrado e a amizade é extensa. Enquanto o componente erótico é tônico no amor e na paixão, é átono nos outros elementos. Forster, na frase em epígrafe a este trabalho, mostra que os afetos são menos intensos e mais reservados do que as paixões. *Sentimento*, no seu valor distinto, de *paixão* e de *afeto*, entra no eixo em que se colocam as paixões do dor, desprazer, pesar, tristeza, constituindo o grau menos intenso das paixões que unem as modalidades do querer ser e do saber não poder ser (Cf. BARROS, 1989-1990, p. 63).

Por outro lado, os três termos conservam seus valores primeiros e, portanto, são sinônimos. O livro de Descartes intitulado *Paixões da alma*, escrito em latim, em 1649, trazia o seguinte título antes do início da primeira parte *Passiones sive affectus animae* (1997). Isso mostra que ainda no século XVII se usava, no latim dos eruditos, o termo *affectus* como sinônimo de *passio*. No artigo 27, ao definir as paixões da alma, o filósofo diz:

Perceptiones, aut sensus, aut commotiones animae, quae ad eam speciatim referentur, quaeque producuntur, conservantur et corroborantur per aliquem motum spirituum.⁹

Surge aqui um novo sinônimo para paixão: emoção. Essa palavra é formada a partir do latim *e(x) movere*, “mover para fora”. Esse sentido original está ligado a uma idéia, presente em muitos filósofos, embora não em Descartes, para quem a paixão é um estado afetivo, de que a paixão é um movimento da alma. É o que ocorre, por exemplo, em Santo Tomás de Aquino, que, na *Summa theologiae*, considerava a paixão “*motus appetitivae partis*”¹⁰ (I, 23, 4).

Greimas, baseado numa longa tradição, chamou as paixões *estados da alma*. Com efeito, elas não eram, como vimos, ações; eram, pois, estados, que atingiam a alma. Santo Tomás denominou-as “*passiones animae*”¹¹. Descartes distingue as “*passiones animae*”,

⁹ Percepções, ou sentimentos, ou emoções da alma, que relacionamos especificamente com ela e são produzidas, conservadas e corroboradas por algum movimento dos espíritos.

¹⁰ Movimento da parte apetitiva (da alma).

¹¹ O título da questão 22, por exemplo, é *De subiecto passionum animae* (A respeito do sujeito das paixões da alma).

que são percepções que relacionamos a nossa alma (“De perceptionibus quas ad animam nostram referimus”), das percepções que vinculamos ao nosso corpo (“De perceptionibus quas ad corpus nostrum referimus”), como a dor, o prazer, a fome, a sede, o calor, o frio, o mal-estar, o bem-estar, etc. (1997, art. 24 e 25)¹².

Tudo o que consideramos até agora leva-nos às seguintes conclusões: 1) os termos *afeto*, sentimento e paixão são sinônimos no sentido geral e não são sinônimos no sentido especializado; 2) quando não são sinônimos, cada um indica um estado de alma diferente; 3) quando são sinônimos, designam um estado de alma em geral; 4) afetos, emoções, paixões e sentimentos constituem o mesmo objeto teórico e, portanto, eles ocupam o mesmo lugar teórico.

No entanto, é preciso considerar que, na língua, não há sinônimos perfeitos e, portanto, é necessário verificar como esses termos se distinguem.

A Semiótica começa a tratar a afetividade a partir do componente modal, porque, na lingüística, consideravam-se modalidades todos os pontos de vista do sujeito sobre o enunciado. Assim, enquadram-se entre os modalizadores advérbios, adjetivos afetivos, etc. Os modos verbais, por exemplo, entram na categoria da modalização, assim como a asseveração, a interrogação, a exclamação. Em *Semiótica das paixões* (GREIMAS & FONTANILLE, 1993), amplia-se o escopo do estudo dos afetos, que não é mais um complemento da semiótica da ação, mas um ponto de vista diverso, que engloba os fazeres. Como indicam Fontanille e Zilberberg, ela é considerada dentro da problemática tensiva e sensível, como uma organização sintagmática modal e aspectual, criando taxonomias conotativas (2001, p. 296). A Semiótica, depois dos estudos da sintaxe modal, vai incorporando, no exame das paixões, a aspectualização e a intensidade.

Na Semiótica Tensiva, a paixão é uma “configuração discursiva caracterizada por suas propriedades sintáticas – é um sintagma do discurso – e pela diversidade dos componentes que reúne: modalidade, aspectualidade, temporalidade, etc.” (FONTANILLE & ZILBERBERG, 2001, p. 297). As dimensões envolvidas são a modal e a fórica; as modalidades implicadas dizem respeito tanto à existência modal (modalização do ser) quanto à competência modal (modalização do fazer); a foria conjuga tanto a extensidade, com suas projeções no espaço e no tempo, quanto a intensidade, com seus efeitos de andamento e de ritmo (FONTANILLE & ZILBERBERG, 2001, p. 297). Na medida em que une modalidade e foria, a paixão correlaciona o inteligível e o sensível. Ela é uma forma de racionalidade discursiva, é o móvel da ação. No caso de uma emoção ou de um afeto, basta um corpo que sente. Já uma paixão é um acontecimento apreendido e reconhecido por um observador culturalmente competente. Por isso, vivenciar uma paixão é assumir também uma identidade cultural (FONTANILLE & ZILBERBERG, 2001, p. 299). Segundo Fontanille e Zilberberg, *paixão* foi escolhida como termo genérico para designar os estados de alma. No entanto, ela entra num conjunto de termos que indicam manifestações afetivas: *emoção*, *inclinação*, *paixão*, *sentimento* (FONTANILLE & ZILBERBERG, 2001, p. 297). A seleção da *paixão* deve-se ao fato de que, estando ela na zona central do gradiente da intensidade e da extensidade, admite um equilíbrio entre as dimensões concorrentes. Na *paixão* e no sentimento, identificam-se os dispositivos modais em ação, bem como sua duração e seu ritmo. A emoção é intensa e rápida. Porque é súbita, com a síncope da duratividade, é

¹² As relações entre o corpo e a alma no aparecimento das paixões é objeto freqüente dos filósofos. Santo Tomás trata da matéria nas questões 75 a 80 da primeira parte da *Summa*. Também o faz Descartes nos artigos 30 e 31 de *Paixões da alma*. É ainda uma concepção do senso comum a de que os afetos respondem a um “estímulo” físico. Por exemplo, diz-se que a agressividade é uma paixão masculina e a doçura, feminina, por causa dos níveis de testosterona presente no corpo dos homens e das mulheres.

desprovida de duração. A inclinação introduz a duração, o que implica uma desaceleração do andamento e uma atenuação da intensidade. A emoção deixa de ser um acontecimento singular, quando é inscrita numa paixão permanente (FONTANILLE & ZILBERBERG, 2001, p. 284-5, 300-1). É interessante notar que, na paixão à primeira vista, percorrem-se, de uma só vez, todas as fases, da emoção ao sentimento, enquanto na conquista amorosa demorada se tem um andamento lento de uma fase a outra. É o que nos ensina Machado de Assis em belo texto:

Gastei trinta dias para ir do Rocio Grande ao coração de Marcela, não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência a um tempo manhoso e teimoso. Que, em verdade, há dous meios de granjear a vontade das mulheres: o violento, como o touro de Europa, e o insinuativo, como o cisne de Leda e a chuva de ouro de Dânae, três inventos do padre Zeus, que, por estarem fora da moda, aí ficam trocados no cavalo e no asno (1979, p. 534).

Na peça *A ceia dos cardeais*, de Júlio Dantas (1952), a ação passa-se no Vaticano, durante o pontificado de Bento XIV, papa que reinou no século XVIII. As personagens são o cardeal Gonzaga de Castro, português, camerlengo da Santa Sé; o cardeal Rufo, espanhol, deão do Sacro Colégio; o cardeal de Montmorency, francês, bispo de Palestrina. Durante a ceia, lembram-se dos amores da juventude. A concepção que cada um tem do amor reflete o que o autor pensa seja o caráter nacional do país de onde cada cardeal provém. O amor para o espanhol é a aventura por uma mulher: não importam sequer a conquista ou a posse. Ele faz o caminho da emoção à inclinação, tem um desejo sem objeto e sem duração. O francês concebe o amor como a conquista e a posse. Transita da inclinação à paixão, há um objeto e uma duração. Entretanto, essa duração é breve. O português transita da paixão para o sentimento: seu afeto nem desaparece nem perde a intensidade. Ao final, o cardeal francês e o espanhol concluem que o único que amou verdadeiramente foi o cardeal português.

A partir dessas distinções pode-se elaborar uma tipologia dos sujeitos: sensível é o que tem emoções; atraído, o que tem inclinação; passional, o que tem paixões; terno, o que tem sentimentos. Esses sujeitos agem segundo determinados estilos afetivos (FONTANILLE & ZILBERBERG, 2001, p. 292).

A paixão será definida também pelo objeto a que visa: valores de absoluto, como no ciúme, e valores de universo, como no amor ao próximo. No primeiro caso, são paixões exclusivas ou concentradas; no segundo, participativas ou extensas. A correlação entre intensidade afetiva investida no objeto e sua extensão ou quantidade define o “tipo axiológico da paixão”: será um pendor, quando ela for mais intensa e abarcar a maior quantidade de objetos ou quando ela for menos intensa e englobar a menor quantidade de objetos (paixões propagativas); será uma propensão, quando ela for mais intensa e for restrita a um só objeto (paixões maníacas) ou quando ela for menos intensa e abranger um grande número de objetos (paixões lábeis) (FONTANILLE & ZILBERBERG, 2001, p. 301).

Se a paixão é um sintagma do discurso, opera por meio de uma sintaxe passional: de um lado, as paixões definem-se por fases que constituem constantes ou variáveis (por exemplo, não se lamenta o que não se deseja; ninguém se decepciona se não se tem expectativa); de outro lado, haveria uma relação entre esquemas tensivos ascendente e decadente (a cólera atenua-se quando se estende no tempo; o ressentimento exacerba-se, conforme se alonga no tempo) (FONTANILLE & ZILBERBERG, 2001, p. 303-308).

A projeção de estilo tensivo sobre um campo de presença (fluxo espaço-temporal, centro, horizonte...) gera um estilo semiótico: estilo explosivo, estilo impassível, estilo "pavio curto" (FONTANILLE & ZILBERBERG, 2001, p. 308).

Na Semiótica Tensiva, mencionam-se, com frequência, os termos *afeto* e *afetividade* (cf., por exemplo, FONTANILLE & ZILBERBERG, 2001, p. 285, 286, 288). Chama-se "fases da afetividade" o complexo formado de *emoção*, *inclinação*, *paixão*, *sentimento* (FONTANILLE & ZILBERBERG, 2001, p. 288). Isso demonstra que afeto é um hiperônimo, de que os outros termos mencionados são co-hipônimos. Não poderia ser diferente, já que a paixão se define, em última instância, não pelos conteúdos modais propriamente ditos, mas pelas valências intensivas e extensivas (FONTANILLE & ZILBERBERG, 2001, p. 309); que a intensidade é da ordem do sensível, do domínio dos estados de alma, da afetividade; que a intensidade rege a extensividade (ZILBERBERG, 2002, p.115; 2001, p. 50). O *afeto* é o elemento de base, cujas manifestações são *emoção*, *inclinação*, *paixão*, *sentimento*. Todos esses elementos dizem respeito à mesma problemática, a dos valores descritivos, mas, sobretudo, de valores modais e aspectuais, relacionados pelas valências tensivas. As quatro manifestações do afeto distinguem-se pela tensividade. No entanto, trata-se sempre de um único e mesmo objeto.

Referências Bibliográficas

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. São Paulo: Loyola, 2002.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Paixões e apaixonados. Exame semiótico de alguns percursos. **Cruzeiro semiótico**. Porto: Associação Portuguesa de Semiótica, 1989-1990, 11-12: 60-73.

_____. "Sintaxe narrativa". In: OLIVEIRA, Ana Cláudia de e LANDOWSKI, Eric. **Do inteligível ao sensível**. Em torno da obra de Algirdas Julien Greimas. São Paulo : EDUC, 1995, p. 81-97.

BENVENISTE, Émile. **Le vocabulaire des institutions indo-européennes**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1969.

CHANTRAINE, Pierre. **Dictionnaire etymologique de la langue grecque**. Paris : Klincksieck, 1984, 4 tomos.

CICERO, Marcus Tullius (1994). **De inventione**. Paris: Les Belles Lettres.

DANTAS, Júlio. **A ceia dos cardeais**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1952.

DESCARTES, René. **Passiones animae**. Lecce: Conte Editore, 1997.

ERNOUT, Alfred e MEILLET, Antoine. **Dictionnaire etymologique de la langue latine**. 4 ed. Paris: Klincksieck, 1959.

FONTANILLE, Jacques e ZILBERBERG, Claude. **Tensão e significação**. São Paulo: Discurso Editorial/ Humanitas, 2001.

FORSTER, Edward Morgan. **Howards End**. São Paulo: Globo, 2006.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Du sens II. Essais sémiotiques**. Paris: Éditions du Seuil, 1983.

GREIMAS, Algirdas Julien & COURTÉS, Joseph. **Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage**. Paris, Hachette, v. I, 1979.

GREIMAS, Algirdas Julien & FONTANILLE, Jacques. **Semiótica das paixões**. Dos estados de coisas aos estados de alma. São Paulo: Ática, 1993.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rocco: Rio de Janeiro, 1998.

MACHADO DE ASSIS. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. I., 1979.

MORAES, Vinicius de. **Poesia completa e prosa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1974.

PARRET, Herman. **Les passions**. Essai sur la mise en discours de la subjectivité. Bruxelas: Pierre Mardaga, 1986.

TEIXEIRA, Lucia. Arrufos na memória. **Revista da ANPOLL**. São Paulo: ANPOLL, 1996, 2: 95-108.

VIEIRA, Antônio. **Sermões**. Porto: Lello e Irmão, t. 4, 1959.

ZILBERBERG, Claude. Précis de grammaire tensive. **Tangence**. Presses de l'Université du Québec, 2002, 70: 111-143.

_____. "De l'affect à la valeur". In: CASTELLANA, Marcello (org.). **Texte et valeur**. Paris: L'Harmattan, 2001.